

A batalha transatlântica sobre o otimismo

Apesar da atual ruína e obscuridade, os EUA devem fortalecer esta virtude. Por **Klaus F. Zimmermann**

Um ingrediente crucial no debate sobre os caminhos que conduzem à recuperação econômica global é o debate em torno do otimismo contra o pessimismo. O debate é conduzido vigorosamente no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Mas o que dizer a respeito dos sentimentos nesse sentido de dois de seus maiores parceiros comerciais — Estados Unidos e Europa?

Com a chegada do governo Obama, Europa e EUA, de muitas formas, têm se aproximado mais em termos dos conceitos de política social e econômica adotados nos dois lados do Atlântico. Isso se deve basicamente a três fatores: primeiro, uma tendência europeia geral ao longo das duas décadas passadas de imitar mais a abordagem baseada em mercado dos Estados Unidos. Segundo, a preferência estratégica da administração Obama de fortalecer os direitos do consumidor, enquanto se torna mais rigorosa com as empresas.

E terceiro, o resultado da grave recessão atual, que obriga os formuladores de política dos EUA a optar por consideravelmente mais gastos federais do que de praxe, seja para apoiar a rede de segurança social, bastante frágil, ou para prover ajuda financeira a companhias e setores debilitados.

Salvo essas crescentes similaridades, resta uma diferença básica, tão acentuada como sempre: quando estão em dúvida, os americanos de modo geral adotam uma visão otimista dos desafios adiante, ao passo que nós europeus geralmente tendemos a assumir uma perspectiva mais pessimista.

Esta diferença básica em atitudes interessa muito a toda a economia mundial, pois contém efeitos econômicos importantes.

Com o desemprego no seu mais alto nível em 25 anos, os criadores de manchetes nos jornais dos EUA e os comentaristas do mercado buscam febrilmente indícios de uma recuperação. Larry Summers, diretor do Conselho Econômico Nacional e principal estrategista econômico dos EUA, parece ter um talento especial para surgir com uma fonte constante de novas analogias inspiradoras para melhorar os níveis de confiança dos americanos e posicionar o país para uma recuperação econômica.

Por sua vez, o lado europeu sente-se preso em uma armadilha. Depois de acreditar, em um primeiro momento, que escaparia desta crise financeira “made in EUA” — um raro momento de otimismo europeu, por assim dizer —, nossas economias foram pegadas completamente pela depressão. E, então, agora somos rotundamente criticados por não ter admitido a profun-



didade da recessão — e, a partir daí, corrido atrás para igualar o placar em quase tudo, desde o tamanho dos pacotes de estímulo até os cortes nas taxas de juros.

Por que essas diferenças no sentimento econômico e respostas generalizadas da sociedade são importantes? No fim das contas, tudo se resume aos mercados de bônus. Em ambos os lados do Atlântico, uma preocupação central é assegurar o financiamento para o que estão destinados a ser grandes leilões de bônus para lidar com as consequências da forte recessão.

Há um grande nervosismo entre as autoridades dos ministérios das Finanças em todos os principais países a respeito da preocupação dos investidores com o tamanho desses leilões, as perspectivas de crescimento econômico — e as taxas de juros relativamente baixas sendo oferecidas para os títulos de longo prazo.

Tendo em vista as previsões animadas de crescimento para 2010 — e com as eleições de meio de mandato em 2010 — o governo Obama possui bastante interesse em reverter o sentimento em direção a uma visão mais positiva sobre a economia, embora tomando muito cuidado para não soar otimista demais.

Depois dos acontecimentos dos últimos anos, o governo certamente ficou dolorosamente consciente sobre como uma abundância de otimismo pode ser muito prejudicial para o desempenho econômico do país. Com o benefício da visão retrospectiva, poucas pessoas atualmente têm dúvida de que o caminho que levou à crise econômica esteve repleto de setores-chave cegos com o otimismo.

Basta pensar se os utilitários-esporti-

vos poderiam carregar a indústria automotiva dos EUA para sempre — ou se conceder hipotecas residenciais para pessoas sem meios financeiros para pagá-las guiaria a indústria habitacional dos EUA de alguma forma sustentável.

Nesse front, nós europeus, normalmente, nos saímos melhor. Dada nossa inclinação geral de sermos céticos, é muito difícil que alguma vez sejamos algo mais do que moderadamente otimistas.

Olhando à frente, uma questão-chave na economia mundial é se os americanos continuarão com seu estado habitual de otimismo. Da perspectiva das famílias americanas, parece haver garantia de dúvidas. Estão excessivamente endividadas, a renda estagnou-se e a infraestrutura é assombrosamente frágil em relação ao nível geral de riqueza do país, apenas para citar poucos exemplos.

Quando não precisam ficar seriamente preocupadas se possuem ou não um seguro de saúde suficiente, as pessoas são mais produtivas

Além disso, a ascensão da China, Índia, Brasil e outros países grandes é, cada vez mais, vista como um fator de limitação ao crescimento potencial dos EUA, já que a dinâmica de crescimento muda para outros continentes.

Por outro lado, apesar de todas as falhas — e custos acentuados ligados à atual crise financeira —, mesmo os grandes déficits orçamentários que estarão por anos precisam ser vistos da forma

apropriada. Muitas das reformas em andamento atualmente nos EUA (como nos setores financeiro, de assistência médica, de infraestrutura e assim por diante) deverão melhorar a eficiência da economia dos EUA no médio e longo prazo.

Os investidores internacionais observam um país onde a paralisação do processo político deixou engatadas importantes reformas domésticas por muito tempo. Além disso, a experiência europeia indica que níveis de benefícios estruturados de forma sensata podem, de fato, melhorar o nível de produtividade em uma sociedade.

Por exemplo, quando as pessoas não precisam ficar seriamente preocupadas se possuem ou não um seguro de saúde suficiente, os trabalhadores são mais produtivos. Da mesma forma, uma infraestrutura mais diversificada de transporte, incluindo trens de alta velocidade, melhora a qualidade de vida — e a produtividade de uma nação.

Por tudo isso é que, no cômputo geral, apesar da atual ruína e obscuridade, as autoridades nos EUA parecem ter boas justificativas em seu foco de fortalecer as raízes do otimismo americano, um tanto abaladas. E isso é algo importante bem além das próprias fronteiras dos EUA.

Em última análise, esse otimismo — se aplicado de forma realista e apropriada — pode acabar sendo a virtude dos EUA mais redentora e vital no concerto das nações. Como aprenderíamos dolorosamente em sua ausência, é um bem público mundial da mais alta importância.

Klaus F. Zimmermann é presidente do Instituto Alemão de Pesquisas Econômicas (DIW, na sigla em alemão).